

PORQUE NÃO APRENDI A NADAR

Menino de calças curtas, no final dos anos 1950 comecei a frequentar o Clube dos Bagres, no centro da cidade de Franca, clube que fez do basquete francano uma potência nacional. Muitas de nossas tardes de primavera e verão da infância foram passadas ao lado das piscinas, brincando. No entanto, nunca aprendi a nadar. Nos Bagres, havia a piscina principal na parte alta, dos adultos e adolescentes e, na parte baixa e alagadiça, onde hoje existe uma avenida horrível, estavam três piscinas, uma média e duas pequenas, para crianças menores.

O objetivo dos moleques era ser promovido da média para a grande, com sua monumental prancha para saltos ornamentais e mergulhos amalucados no estilo dos filmes “turma da praia” de Anette Funicello. Todos tentavam entrar, mas existia um controle mais ou menos rígido, os menores eram mantidos de fora. O máximo que a gente fazia era, no vestiário, trocar de roupa envergonhadamente na frente dos adultos, sob um cheiro fortíssimo de cloro. Pequenos escaninhos metálicos serviam para guardar as roupas.

Na piscina média eu entrava zanzando para lá e para cá, não podia tomar muito sol por causa da pele clara da herança italiana e não existia protetor solar. Até o dia que o Gorki, moleque forte pra caramba, resolveu me dar um caldo.

Pego de surpresa, afundei como uma abóbora, me debatendo com a água que entrava pelas narinas e pela boca, desesperado em busca do ar que faltava. Fui salvo das garras do Gorki pela Regina, que na época ainda era apenas a namorada de um futuro prefeito da cidade, o Maurício Sandoval Ribeiro. Fada salvadora, não sei o que ela fez, talvez um safanão, o fato é que eu cuspi e assoei água o resto da tarde. E nunca mais tive coragem de entrar numa piscina para nadar. A Regina tornou-se arquiteta como eu, atividade de terra firme.

Fazer nada eu sei bem. Mas nadar, depois disso, nunca mais. Mesmo assim, gosto de praia. Ficar fazendo nada olhando o marzão malandro ir e vir, vir e ir sem parar, aquele barulho rouco das ondas quebrando na areia, é o lugar ideal para ler e observar. Principalmente observar a fauna que se esfalfa em caminhadas sobre a areia fofa, bufando e suando, mas com os pés na areia.

“Foi, foi marinheiro, foi os peixinhos do mar, quem te ensinou a nadar”. Quando ouço a gravação do Milton Nascimento, lembro-me do Gorki. Seu pai, o bancário Afonso Dolabela Bicalho, era um comunista de carteirinha que veio de Belo Horizonte, ajudou a formar o velho Partidão por aqui (o PCB) junto com o Antônio Vieira, trabalhava com meu pai na agência do Banco Hipotecário.

No início dos anos 60, ao visitá-los, minha mãe se deparou com um homem escondido no porão da casa do Bicalho. Fora o susto que levou, achava que o desconhecido era Luiz Carlos Prestes. Nunca soubemos, o PCB estava na clandestinidade desde 1947. Aliás, os nomes dos filhos do Bicalho davam a maior bandeira, revelavam sua filiação política: o mais velho era Luiz Carlos (Prestes), Gorki, Valmik, nomes russos. Depois de 1964, meu pai, que tinha uma coleção de livros do Jorge Amado, desapareceu com um deles, afirmando que não tinha vindo na coleção. O título era “O Cavaleiro da Esperança”. Só fui lê-lo após o fim da ditadura militar.

Mauro Ferreira é arquiteto